

TOMÁS, O HOMEM DOS MILAGRES A PEDIDO: DESINTEGRAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO SELF EM UM CASO DE DEMÊNCIA SENIL

Carlos Jibaja Zárate¹

1 Formado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidad Católica del Perú (PUCP). Mestre em Estudos de Psicanálise pela PUCP. Doutorando em Psicologia (PUCP). Diretor do Programa de Saúde Mental do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS). Psicoterapeuta psicanalítico, supervisor clínico e professor. Membro do Associação de Psicoterapia Psicanalítica (Peru).
cjibajaz@gmail.com

Resumo

A psicose é um dos transtornos clínicos que apresenta mais desafios tanto para sua compreensão quanto para a terapia psicanalítica. Este artigo descreve o caso de Tomás, um idoso com demência senil que, ao longo dos anos, vem mostrando o curso progressivo da desintegração da organização do *self*, assim como as tentativas restitutivas do *self* no discurso delirante. Para a compreensão do colapso e das tentativas de restauração das estruturas mentais, fez-se referência aos trabalhos de Kohut (1977, 1980) sobre a organização do *self* nuclear e sua descrição da regressão psicótica que começa com o abandono das formas maduras do narcisismo, a regressão e o reinvestimento patológico da estrutura narcísica coesa, seu colapso e a restituição delirante do *self* fragmentado. Destaca-se a coexistência do enclave psicótico resultante da cisão do ego com o ressurgimento patológico de estruturas primárias alteradas e aspectos do ego ainda em contato com a realidade compartilhada.

Palavras chaves: demência senil, narcisismo, *self* nuclear, regressão psicótica, delírio.

Neste artigo apresento a síntese do caso de um idoso com demência senil e desenvolvo uma compreensão de seus processos mentais à luz da organização e colapso do *self*, assim como as tentativas de restituição do *self* no discurso delirante.

A família de Tomás é próxima de mim e tive a oportunidade de conversar com ele em várias ocasiões, antes e depois do aparecimento dos primeiros sintomas e comportamentos da doença. Como amigo e psicoterapeuta, a família solicitou minha opinião sobre a condição mental de Tomás. Durante a pandemia minhas visitas foram interrompidas. Como muitos idosos, foi uma vítima que morreu do vírus e não tive a oportunidade de me despedir. Tomarei o surto do COVID-19 e a ordem de isolamento social emitida em março 2020 como uma referência temporal para ordenar algumas das minhas observações sobre o quadro clínico apresentado por Tomás.

Era um octogenário com cabelos grisalhos, boas maneiras e muito conversador. Casado com sua esposa Frida por mais de cinquenta anos, foi pai de dois filhos homens e 3 filhas mulheres, avô de seis netos. Como educador, atuou como professor universitário; sua família o descrevia como uma pessoa correta, atenciosa e benevolente, embora lembrassem que em certas ocasiões ele podia se irritar com a indisciplina de seus filhos quando criança.

Em 2016, Tomás teve um acidente de carro que causou um hematoma intracraniano e que, semanas após o acidente, necessitou uma cirurgia. Aparentemente este acidente, que causou uma hemorragia cerebral, acelerou a demência que vinha se desenvolvendo. Uma ressonância magnética mostrou um cérebro envelhecido em pleno processo de desconexão e dispersão entre redes neuronais em várias partes do córtex cerebral. O primeiro alerta, além do esquecimento diário, foi que estando sozinho na rua ficou desorientado e uma pessoa teve que levá-lo para casa porque ele não se lembrava onde era sua casa.

Em 2018, a família me consultou pelo estado mental de Tomás. Nas últimas semanas tinha começado a pedir a alguns de seus parentes que dissessem o que queriam para que ele pudesse realizar seus desejos: “diga-me o que você quer, um bom trabalho, dinheiro, um carro? Diga-me o que desejam”, disse-lhes. Assim que o parente falava o que queria, Tomás respondia que lhe ia dar porque sabia que era uma boa pessoa. Os parentes me contaram que no começo era quase como um jogo de mesa, porque depois ele voltava a conversar sobre seus temas favoritos, como a política, o cinema, a história e as anedotas de sua vida. Mas gradualmente este tema de perguntar sobre os desejos e concedê-los tornou-se mais frequente.

Conversando com Tomás, me contou que não era ele quem realizava os desejos, quem fazia era Deus, mas ele tinha “influência”, porque seus irmãos intercediam diante de Deus. Seus três irmãos já falecidos estavam muito perto de Deus e os favores que Deus concedia, os fazia apenas para as pessoas de boa alma. Tomás orava aos irmãos, eles intercediam e Deus concedia o dom. Tomás falava com notória falsa modéstia que ele era somente “um intermediário” para que o milagre acontecesse. Quando algum parente ou amigo confrontava suas promessas e as apontava como irrealis, Tomás sorria afirmando que por incrível que pareça, o milagre ia acontecer, ou deixava a entender que a descrença do familiar não favoreceu a concessão do presente, “você é um homem de pouca fé”, falava a um dos seus filhos.

Uma variação foi adicionada aos meses da nossa conversa. Quando não ocupava o cargo de emissário de dons, se autoproclamava como um grande empresário, investidor de terras e barcos. Se sentia um incompreendido, que as pessoas pensavam que ele estava inventando, mas dizia “não sabem o que dizem, a mim são reveladas essas verdades que são incompreensíveis, maravilhosas”. Quando era confrontado com argumentos lógicos se fechava, ficava em silêncio, se irritava e ia para o seu quarto. Quando as ideias de grandeza eram exploradas, ele rapidamente as associava a seus irmãos que lhe diziam onde investir para que ele ganhasse muito dinheiro e pudesse dividi-lo entre seus seres queridos.

Uma relação para destacar era com a esposa com quem esteve casado por muitos anos, também octogenária. Frida, a esposa, afirmava que Tomás sempre tinha sido ciumento, mas quando surgiram as ideias de que era um grande empresário, o ciúme aumentou. No começo considerava isso como parte do seu carácter, mas logo então percebeu a exacerbação desses sentimentos em relação a ela, percebendo que isso era parte de sua demência. Tomás foi perdendo o vínculo com a esposa. A conversa entre eles podia ocorrer sem grandes mudanças de humor em Tomás, mas de repente e por algum detalhe trivial que ele considerava grosseiro, ficava desconfiado e lhe reclamava uma suposta infidelidade de Frida em sua juventude. O ciúme se aguçou quando os filhos determinaram que Tomás precisava ter seu próprio quarto devido à insônia e agitação noturna, que exigiu que a família contratasse uma auxiliar de enfermagem. Gradualmente, a relação de ódio com a esposa se aprofundou. Teve episódios de raiva ciumenta contra ela, convencido de que ela lhe era infiel e o estava traindo trazendo homens para seu quarto. Em algumas ocasiões ele fugia de casa tocando a porta dos vizinhos procurando “uma pensão com outra mulher que lhe desse amor e respeito”. Amargamente lhe reclamava a Frida por tê-lo jogado para fora da cama conjugal.

Em 2019, Tomás entrou em um outro período de relacionamento com sua esposa. Frida se tornou a “mãezinha” ao mesmo tempo que Frida, a esposa, o abandonou ao arranjar outro marido. Quando via a “mãezinha”, ou seja, a boa esposa-mãe, comportava-se com carinho, se mimava com ela, se preocupava por sua saúde. Frida, a esposa infiel era uma figura que o havia insultado, enquanto a “mãezinha” era toda bondade. Ao mesmo tempo, as lentes dos olhos usadas para as operações de catarata há vários anos necessitavam ser trocadas, mas a família optou por não fazê-lo. Conseqüentemente, seu campo de visão foi se estreitando gradativamente, o que não o ajudava a identificar claramente a seus parentes e que com o tempo lhe deu a tendência de apertar os olhos e lidar mais com imagens internas do que com as percepções das pessoas no mundo exterior. Isso deu origem ao paradoxo de que Tomás podia falar com sua esposa sobre o quão mala ela tinha sido, acreditando que estava falando com sua “mãezinha”.

O que restava da sua personalidade de um ano antes da pandemia? Alguns comentários sobre a política, a leitura das manchetes dos jornais para os quais utilizava uma lupa. Ainda alguns traços como seu senso de humor, gentileza, seu bom apetite e o gosto pelos doces, o grande medo que lhe dava que as pessoas ao seu redor falassem sobre a morte. Tomás era daquelas pessoas que, muito antes de aparecerem os seus sintomas de demência, si alguém falava de enterros e velórios, alertava que não se falasse desses temas “de muito mal gosto”. A memória disposicional sobre quem ele era mostrava alterações importantes. Não se lembrava que profissão tinha tido, quantos anos tinha, quantos filhos tinha, não se reconhecia em fotos suas de outras épocas da sua vida, etc.

Lembrava sim de ter nascido numa região do norte, que gostava de comer cebiche aos sábados e que seu irmão predileto se chamava Miguel. Seu estado mental piorou com uma infecção urinária e vários dias de febre muito alta que o deixou adormecido ou semiconsciente. No processo de recuperação da infecção, estando de cama, mas já sem febre, ele teve um episódio psicótico agudo. Seu pensamento incoerente, delirante de alucinações conspícuas, o faziam falar em solilóquio e com fuga de ideias sem mais nenhuma ligação com amigos imaginários da juventude que morreram há vários anos. Usava algumas frases curtas como “é preciso corrigir” repetidamente, frases que provocavam risos ou às vezes explosões de raiva; da mesma forma, exigia que o levassem à porta principal da sua casa porque como Ministro da Educação vinham buscá-lo para falar com o Presidente, tudo isso em um nível de agitação que o fazia levantar da cama e caminhar incansavelmente por sua casa apresentando insônia persistente por vários dias. Depois de pelo menos três dias, o aumento da medicação antipsicótica e dos benzodiazepínicos acabou levando-o a um estado de semiconsciência.

O estado mental de Tomás não retornou a seu funcionamento anterior: não conhecia a maioria dos seus parentes, confundia vários deles com diferentes personagens de sua história de juventude e ao interagir com eles mostrava uma reação emocional automatizada sem profundidade. Seu problema de cataratas também não contribuía para discriminar entre as auxiliares de enfermagem que o atendiam, ele não lembrava seus nomes. Seu pensamento empobreceu, para compensar uma vez que reconhecia alguém ou lhe dizia o nome, Tomás atribuía categorias às pessoas ao seu redor como boas, más e por traços físicos. As pessoas boas eram divinas, prodigiosas, que o ajudavam, o salvavam das trevas e o confortavam dos seus sentimentos de desamparo e solidão; as más eram feias, ignorantes, ameaçadoras, gananciosas que o único que queriam era bater nele, roubá-lo ou tramavam matá-lo para tirar o dinheiro da sua pensão; as pessoas também eram identificadas por seus traços físicos, mas para Tomás essa forma de categorizá-las não as referia a um nome ou a uma profundidade biográfica.

Com o surto de COVID, não voltei a vê-lo. Um dos seus filhos me deu a notícia do falecimento de Tomás; pelas condições sanitárias não foi possível despedir-me dele. Este artigo é, em parte, uma tentativa de fazê-lo.

A organização do *self* e sua desintegração gradual em Tomás

A psicose é um dos transtornos clínicos que apresenta mais desafios tanto para sua compreensão quanto para a terapêutica psicanalítica. O estudo seminal de Freud sobre as memórias do Dr. Schreber, os primeiros tratamentos de pacientes psicóticos apresentados por Fromm-Reichman e Sechehaye; as teorias de Klein, Bion, Kohut, Kernberg entre outros representantes da teoria das relações objetais, bem como os estudos de Lacan, Green, Leclaire e Aulagnier entre outros representantes da tradição francesa, são as bases abrangentes do transtorno psicótico que tanto nos diz sobre as estruturas e processos mentais, sua alteração radical, bem como os limites do método psicanalítico no tratamento dos quadros psicóticos. Para entender o caso de Tomás, tomaremos como referência a teorização de Kohut (1977, 1980), embora filtrada pelo crivo da nossa própria interpretação do autor, além de outras influências como Kernberg (1986) e Aulagnier (1994).

O *self* é uma organização intrapsíquica composta por autorrepresentações e as representações objetais localizadas heterogeneamente no ego, id e superego, e que confere à estrutura tripartite da mente um princípio integrador e identificador da experiência do sujeito consigo mesmo e a relação com seus objetos e laços interpessoais (Jibaja, 2013).

O *self* constitui inicialmente o vínculo primário com a figura materna. Nas suas primeiras semanas, o bebê estabelece relações objetais parciais fusionais, sendo a relação boca-peito o protótipo da relação primária parcial. À maneira de um gigantesco e confuso registro sensorial, cinestésico, proprioceptivo, a figura materna ao longo dos primeiros meses torna-se a figura gestáltica sobre um fundo fragmentado. Esta experiência inicial, reconstituída graças à neurociência, à psicologia do desenvolvimento e à clínica psicanalítica teria começado a ser ordenada sob certos organizadores corporais: experiências agradáveis e desagradáveis; apreensão e distensão, ingestão e expulsão, ego e não ego cinestésico, etc., sobre os quais se constitui um corpo imaginado em relação com aquela/aquele que o sustenta. Desse modo, o processo de identificação primária com a figura materna que começa por volta dos seis meses encontra um ser em estado de indefesa e necessidades básicas e a figura da mãe que aparece nesses momentos inaugurais com atributos de onipotência e porta-voz de uma realidade sociocultural em que ela mesma está inscrita.

Kohut (1977, 1980) propõe que após os primeiros meses, o bebê gradualmente integre uma estrutura libidinal investida baseada na relação internalizada entre o *self* grandioso e o objeto parental onipotente. Ele o chama de *self* nuclear e é uma configuração investida de libido que divide os aspectos frustrantes e desagradáveis no âmbito do não *self*. O reconhecimento empático das figuras parentais permite que o *self* do bebê se mostre alegremente com espontaneidade, impulsividade, com brincadeiras próprias da primeira idade. Na brincadeira de esconde-esconde, inclusive antes de dominar a locomoção, o bebê disfrutará do reencontro com a figura materna que, com empatia e fascinação, reconhecerá e responderá ao exibicionismo do *self* grandioso.

Para Kohut (1977) esta é a base libidinal da estrutura narcísica coesa entre um *self* que constitui o centro vital e espontâneo do sujeito juntamente com um *self*-objeto onipotente. É uma relação diádica, na qual o objeto não é um outro diferenciado, mas percebido como uma parte "fundida", "espelho", "gêmea" do *self*. A estrutura narcísica coesa é a base do narcisismo, que para Kohut (1977) não é um mero estágio de desenvolvimento posteriormente absorvido pela experiência edipiana, mas que se desenvolve independentemente da libido objetal e estabelece configurações narcísticas maduras que sustentam a autoestima e a autoconfiança do *self*, bem como a capacidade para admirar os outros e sentir um entusiasmo sincero ao interagir com eles.

Kohut não ignora a importância da experiência edipiana para a incorporação das proibições e ideais que vêm das identificações secundárias, bem como para a consolidação dos aspectos cindidos do *self*. No entanto, argumenta que as configurações narcísticas seguem investindo autorrepresentações, *self*-objeto e as mesmas estruturas mentais investidas de libido diferenciada. No domínio do funcionamento primário, no imaginário narcísico, as identidades fixas são irrelevantes e o objeto pode continuar sendo parte do *self* (*self*-objeto), mas devido à experiência edipiana, este funcionamento fica submetido ao domínio do funcionamento secundário do ego: as díades narcísticas permanecem operantes no domínio do funcionamento primário, mas articulam-se numa relação imaginária e simbólica com o terceiro questionador inscrito no ideal do ego pelas identificações e proibições edipianas.

O mesmo autor (1977) sustenta que a compreensão dos transtornos psicóticos deveria ser examinada mais na desintegração das organizações narcísticas do que nas do amor objetal. Freud (1911) no caso Schreber mostra a trajetória que vai do amor objetal mais diferenciado a um estágio de retração narcísica, continuando para a fragmentação autoerótica e a restituição delirante da realidade. Kohut, por outro lado, enfatiza os fenômenos regressivos narcísticos desintegrantes: a) as formas superiores de narcisismo; b) o retorno e recarregamento das posições narcísticas primárias; c) a ruptura da estrutura narcísica coesa com fragmentação do *self* e dos *self*-objetos primários; e d) a ressurreição restauradora e patológica do *self* grandioso e do objeto parental onipotente num estado mental de franca expressão delirante.

O estado delirante de Tomás pelo qual se colocava na posição de intermediário de dons milagrosos pode ser entendido a partir da leitura do processo regressivo proposto por Kohut. O *self* grandioso de Tomás procurava conceder dons para aquelas pessoas próximas a ele. A relação com o objeto onipotente e seus substitutos foi mantida. Propõe-se uma relação em que ele, colocando-se no lugar do desejo do parente, lhe concederia o maior dos seus anseios. Tem a onipotência para conceder o desejo do parente. Essa relação de um objeto investido da libido própria do domínio narcísico tinha relação com outra: sua onipotência

depende dos bons ofícios de outros objetos intermediários diante de Deus. Deus era quem concedia os milagres, os irmãos falecidos intercediam diante da graça divina estimulados pelas orações e pedidos de Tomás. Eles, uma espécie de operadores celestiais, permitiam que ele fizesse milagres para as pessoas que amava. No delírio, os irmãos, especialmente Miguel, não tinham status de anjos ou santos, sua ligação mantinha a familiaridade com eles, o acompanhavam, ele mantinha uma relação cotidiana com seus irmãos por meio dos sonhos.

O movimento regressivo na psicose que vai da retração da relação objetal para as relações narcísicas descritas por Freud (1911) pode ser entendido como o desinvestimento e a desativação parcial das configurações edípicas dos objetos diferenciados e mediados pela castração simbólica e a reinvestimento patológico de configurações narcísicas primárias. A regressão à organização do *self* primário desativou o domínio do funcionamento secundário e do Ideal do ego a partir do qual o julgamento da realidade permitia a Tomás discriminar entre processos internos e externos, bem como diferenciar entre o *self* e os objetos. Cabe ressaltar que o discurso delirante convivia de forma cindida com outras áreas de seu funcionamento mental: Tomás ouvia as notícias, comentava sobre política, mantinha seu senso de humor e as formas amigáveis de seu carácter. No entanto, o critério de realidade do *self* estava alterado e os argumentos lógicos ou comentários irônicos dos seus familiares não desafiaram seu sistema fixo de ideias; nem o fato de que, passado o período em que o milagre deveria se concretizar, o dom não pudesse ser realizado. Incólume, o pensamento delirante se mantinha, ao mesmo tempo em que, em última instância, sustentava a relação com o objeto parental onipotente (Deus) reinvestido de forma alterada. De fato, o ego foi invadido por um enclave psicótico que invadiu o foco do sistema consciente de Tomás, mas coexistiu com os aspectos preservados do ego em contato com a realidade compartilhada.

A ativação delirante do *self* grandioso e do objeto parental onipotente e o uso da cisão mantiveram a Tomás em um frágil equilíbrio dependente dos cuidados de seus parentes. O movimento em direção à ativação libidinal e ao reinvestimento narcísico do *self* se manifestou com ideias cada vez mais expansivas de grandeza que sinalizavam, no entanto, que a demência continuava em seu curso inexorável. O período de ciúmes da esposa e o uso de divisões espessas entre a “mãezinha” e a “esposa infiel” indicavam que o processo de desintegração da organização do *self* estava desvendando seu mundo objetal em representações objetais parciais ao mesmo tempo que ia empobrecendo a ressonância afetiva nos laços com seus parentes mais próximos.

A noção freudiana (2011) do delírio paranoico em sua forma ciumenta que implicaria uma intensa carga homossexual projetada na esposa, e afirmada como “Não sou eu que amo o homem, é ela que o ama” poderia ser entendida à luz da ferida narcísica (sentindo-se rejeitado e removido do leito conjugal), a regressão às formas arcaicas de narcisismo e as cisões entre a “mãezinha” e a “esposa infiel”. No delírio, a presença de “homens” com os quais a esposa seria infiel não tem uma carga objetal específica, ao contrário, os rivais são diversos e indiscriminados. Nesse sentido, “os amantes” corresponderiam à esfera dividida do objeto onipotente investido de ódio que ameaçava a estrutura do *self* nuclear. Estes ganhariam importância ao representar objetos rivais que impedem o acesso ao objeto libidinal onipotente. A ideia delirante de ciúme seria, portanto, uma forma de sustentar a relação com o objeto onipotente primário em uma configuração paranoica: os rivais são representados na medida em que sua “existência” explicaria o abandono e a rejeição do *self*-objeto “esposa infiel” e afastariam dele a angústia do colapso da estrutura narcísica primária e sua consequência, a irrupção na realidade do corpo despedaçado.

A infecção urinária e o estado febril tiveram um impacto significativo sobre sua condição mental. Após vários dias de semiconsciência devido ao estado febril, Tomás passou da reedição patológica do *self* grandioso e do objeto parental onipotente a um estado de fragmentação da já precária estrutura narcísica primária. O surto psicótico foi agudo e o manteve em estado alucinatorio e delirante, insone e agitado por vários dias até que os antipsicóticos e benzodiazepínicos o colocaram em estado de semiconsciência por um período de tempo. Já recuperado da infecção, a demência senil se aprofundou e se mostrou com a ferocidade de um naufrágio mental. O eu de Tomás aderiu a alguns dos seus pertences que ficaram flutuando em um mar de confusão que engoliu seus últimos redutos de identidade. Os poucos pertences que ele pegou para não afundar eram memórias isoladas da sua infância e juventude, os quais repetia uma e outra vez. Muito ocasionalmente apareciam vestígios do homem que mediava milagres a pedido dos seus parentes. Pelo contrário, agora ele tinha solilóquios com amigos da sua juventude que ou tinham falecido ou não tinha visto por décadas e que ele os mencionava no presente falando que estava conversando com eles. Seus pensamentos, suas respostas emocionais, suas histórias de vida, aos poucos foram engolidos pelo mar insondável do esquecimento e da desintegração de suas estruturas mentais.

Por fim, destacamos que diferentemente de outros sistemas delirantes em que o sujeito constrói uma visão do mundo persecutória a partir dos repudiados significantes da castração, das relações de parentesco e da relação imaginária, mas impossível com um pai, consideramos que o pensamento delirante de Tomás não apresentou elementos suficientes para uma compreensão nessa linha de teorização (Aulagnier, 1977, 1994; De Waelhens, 1973; Lacan, 1971).

Referências bibliográficas

- Aulagnier, P (1977). La violencia de la interpretación. (1ra Edición). Amorrortu
- Aulagnier, P. (1994). Observaciones sobre la estructura psicótica. Un intérprete en busca de sentido. (1ra Edición). Siglo Veintiuno Editores.
- De Waelhens, A. (1973). El alcance estructurante del complejo de Edipo. Ausencia del triángulo edípico en la psicosis. La Psicosis. (1ra Edición). Ediciones Morata
- Freud, S. (1911). Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia autobiográficamente descrito (Caso Schreber). Obras Completas de Sigmund Freud. Amorrortu.
- Kernberg, O. (1994). La identificación y sus vicisitudes, tal como se las observa en las psicosis. La agresión en las perversiones y en los desórdenes de la personalidad. Paidós.
- Kohut, H. (1977). Análisis del self. (1ra Edición). Amorrortu
- Kohut, H. (1980). La restauración del sí-mismo. (1ra Edición). Paidós.
- Jibaja, C. (2013). Los múltiples rostros en uno: el sí-mismo, el uno mismo y el sujeto. Roel SAC
- Lacan, J. (1971). Respuesta al comentario de Jean Hyppolite. Escritos. Siglo Veintiuno Editores